

## O olhar segundo Jean-Paul Sartre

Celuy Roberta Hundzinski Damásio - [celuy.roberta@gmail.com](mailto:celuy.roberta@gmail.com)

Revista Espaço Acadêmico <http://www.espacoacademico.com.br>

---



Influenciado por Hegel, Husserl, Heidegger, Marx e Descartes, Sartre, o primeiro fenomenólogo francês, é muito apreciado por sua capacidade de ter sido filósofo, literato e político engajado ao mesmo tempo. Sua obra principal, base do existencialismo, é o *Ser e o Nada*, publicado em 1943, onde ele dedica um item à questão do olhar, ao qual atribui um lugar de suma importância para a constituição do ser.

Segundo ele, o olhar mascara os olhos, pois desde o momento em que o percebemos, os olhos são colocados em segundo plano. Este olhar não está ligado a uma forma determinada. Não é somente a convergência dos glóbulos oculares, mas uma manifestação de tudo que o lembre (barulho de passos, ranger de portas, etc), assim sendo, quando percebemos o olhar, deixamos de perceber os olhos. O olhar não é neutro, ele me avalia e me atribui julgamentos de valores que são, ao mesmo tempo, verdadeiros e falsos, e por isso o outrem me constitui através de seu olhar.

Quando fixo meu olhar sobre o outrem eu o concebo, por probabilidade, em um contexto, ele se refere a mim mesmo e a alguma outra coisa além dele próprio (o local onde se encontra). Isto o faz sujeito, além de sua objetividade. Quando sou olhado, é minha objetividade que prevalece. Ser uma coisa para o outrem, ou seja, para aquele que me olha, é a anulação da minha liberdade, porque o outrem me envolve com seu olhar e me revela o meu ser-objeto.

Sartre cita o exemplo de um jardim onde temos a grama, as cadeiras, etc, nesse contexto, vejo um homem que passa. Eu o percebo como um homem e não como uma coisa a mais, pois ele não é, simplesmente, visto, mas também vê as coisas que estão ao seu redor. Este homem me vê e há uma fuga, a percepção me escapa, a própria presença do outro me escapa; sou afetado profundamente pelo olhar e perco minha transcendência.

Podemos, segundo o autor, distinguir o olhar em três momentos: primeiramente o homem acrescido à paisagem, onde é concebido como objeto que pode ser retirado do contexto, tal como um banco, uma árvore, ou qualquer outra coisa; em seguida, existe o homem em relação com a paisagem, uma relação unívoca que escapa dele, ele não pode ser retirado, mas não tenho relação real com ele, aí, ele é, ao mesmo tempo, objeto e sujeito; por último temos o homem em relação a mim, onde ele passa de objeto a sujeito.

A probabilidade me apresenta o outro como a desintegração de meu universo, pois não é certo que ele faça o que creio que fará. Da mesma forma, este outrem descentraliza o mundo porque não posso afirmar que o mundo que vejo ao meu redor é visto da mesma maneira por ele. Além disso, quando sou visto por outrem, isto o faz tornar-se sujeito e eu torno-me objeto, sendo necessária esta conversão.

Assim, o homem, em seu contexto, é, ao mesmo tempo, objeto e sujeito: "...: o homem se define em relação ao mundo e em relação a mim próprio; ele é este objeto do mundo que determina um escoamento interno do universo, uma

hemorragia interna; ele é o sujeito que se descobre a mim nesta fuga de mim mesmo em direção à objetivação.” (SARTRE, 2003, p. 296).<sup>[1]</sup>

Outro exemplo interessante, citado por Sartre, é o de uma pessoa atrás de uma porta que está curiosa para ver algo do outro lado. É uma “situação” que me reflete, ao mesmo tempo, à minha faticidade e à minha liberdade. Tenho deveres a fazer livremente e, ao mesmo tempo em que sou meu próprio nada, meu ser me escapa. Existe, aí, a má fé no ato de escutar atrás da porta e quando ouço um barulho no corredor, concebo que alguém me vê, desta forma, eu mesmo me vejo e eu existo pela minha consciência irrefletida, a consciência do mundo expressa no outro que julgo que me vê. Eu sou, então, o objeto da consciência reflexiva, no entanto, não sou objeto da consciência irrefletida, mas, com relação a esta, sou o objeto do outrem.

Sou para mim como um arremesso ao outrem. Meu “ego”<sup>[2]</sup> está separado de mim e existe para o outro, contudo, ele está presente como um “eu” que sou sem conhecê-lo, eu o descubro na vergonha. “Ora, a vergonha, ..., é a vergonha de si, ela é reconhecimento do que sou, mesmo, este objeto que o outrem olha e julga. Só posso ter vergonha da minha liberdade quando ela me escapa para tornar-se objeto dado.” (SARTRE, 2003, p. 300).<sup>[3]</sup>

O meu ser se escreve na e pela liberdade do outrem que é o meu nada radical. A vergonha é a apreensão de mim mesmo como natureza que me escapa, ela existe, somente, pela revelação do outro. A existência do outro é a minha queda original, este “outro-olhar” é minha transcendência transcendida.

O outrem ultrapassa minha possibilidade de me esconder num canto do corredor. Minha possibilidade passa a ser probabilidade porque ela está fora de mim. Diante do olhar do outrem, não sou mais mestre da situação, ou, se o sou, essa situação tem uma dimensão que me escapa.

Pelo olhar do Outrem, dou-me conta da espacialidade – por causa da distância entre olhar/olhado que me é dada, e, também, da temporalidade – por causa da simultaneidade: dois existentes que não têm nenhuma outra relação se unem, temporariamente, pelo olhar. Por este olhar em minha direção, provo uma “presença transmundana” sem distância entre nós, não é um olhar no mundo, mas além do mundo porque ele o transcende.

...: não é enquanto está ‘no meio’ de meu mundo que o outro me olha, mas é enquanto ele vem em direção ao mundo e a mim com toda sua transcendência, é enquanto ele não está separado de mim por distância alguma, por objeto algum do mundo, nem real, nem ideal, por nenhum corpo do mundo, mas pela sua única natureza de outrem. (SARTRE, 2003, p. 309).<sup>[4]</sup>

O objeto têmico-espacial, que eu sou, me expõe aos julgamentos do outrem e, assim, sou escravo, porque a liberdade, que é a condição do meu ser e da qual sou dependente, não é a minha.

Nada me separa do outrem porque ele está em mim, porém, sua liberdade e sua consciência não me são, jamais, dadas, pois se me fossem dadas passariam a ser objeto e eu deveria cessar de sê-lo. O objeto não tem características da consciência porque quem as tem por mim, é a consciência que é minha. Isto quer dizer que o “eu-objeto-por-mim” não tem características da consciência pois ele é um eu que não está em mim.

Desta forma, sou de maneira a não ser o que sou e a ser o que não sou. Existe um ek-stase<sup>[5]</sup> que é o desprendimento de mim que me constitui para mim, eu sou meu próprio desprendimento, meu próprio nada.

De fato, meu ser para o outro é uma queda através do vazio absoluto em direção à objetividade, uma queda que é alienação e me impede de ser objeto para mim mesmo, pois não posso me alienar de mim mesmo. Devo, então, ser um ek-stase que transcende todos meus ek-stases, tendo visto que não sou o nada que me separa de mim.

Por outro lado, meu eu-objeto é um desprendimento vivido na unidade *ek-stática* do “para-si” e o outro é o fato da presença de uma liberdade estrangeira. Assim, há uma unidade entre meu desprendimento de mim mesmo e minha liberdade de outrem e não posso conceber um sem o outro.

Desta maneira, se estou olhando pela fechadura e ouço passos, sinto vergonha, mas se verifico que não há ninguém, a vergonha que sinto é falsa. Entretanto, ela não desaparece pelo simples fato de que constatei que me enganei, continuo com os mesmos sentimentos e sinais. Neste caso, não é o outrem, nem sua presença para mim que é uma mentira, mas sua faticidade, a ligação contingente de outrem a um ser-objeto no meu mundo. Não é do outrem que se duvida, mas de sua presença. Esta presença determina os lugares nos quais posso declarar a ausência de alguém com relação a qualquer outro alguém. “A ausência é, então, um laço de ser entre duas ou mais realidades-humanas, que necessita de uma presença fundamental dessas realidades, umas para as outras e que, aliás, é somente uma das concretizações particulares desta presença.” (SARTRE, 2003, p. 318).[\[6\]](#)

Sou eu que determino meu “ser-olhado” pelo “outro-objeto” como presença concreta e provável, e o faço por medo, vergonha, angústia, etc. O cogito cartesiano afirma minha existência; aqui, Sartre afirma minha existência para outrem, o ser para o outrem como fato primeiro e perpétuo.

Quando o “para-si” realiza a negação em sua plena liberdade, escolhendo-a como finitude, onde o fundamento de seu conhecimento é a relação original pelo que o “por-si” deve ser como não sendo este ser, temos uma negação interna. Aqui, sou constituído “eu-mesmo” pois, este eu é, antes de tudo, aquele que não é o outro e, por consequência, o outro aparece como outrem.

Há, preferencialmente, uma negação do outrem, mais do que uma afirmação do eu. É uma negação onde é preciso que o outrem esteja presente na consciência e que a atravesse para que ela possa escapar ao outrem que poderá reprecendê-la, mas ele continua a existir para a consciência como “si-mesmo recusado”.

Contudo, se este outrem quer, ele próprio, me negar, torno-me objeto para ele e ele será somente um ser-próprio recusado sendo um ser-próprio que me recusa. Quando acontece esta manifestação, sou limitado, pois é somente o outrem quem pode me limitar. Assim, afirmo minha livre espontaneidade e faço com que o outro exista. Ele é co-responsável por essa existência que se dá pelas duas negações, as quais uma mascara a outra.

A vergonha é a apreensão de três dimensões que não podem desaparecer sem que ela própria desapareça: “*Eu* tenho vergonha de *mim* diante do *outrem*.” (SARTRE, 2003, p. 329)[\[7\]](#). Se umas dessas dimensões desaparece, a vergonha, também, desaparece. No entanto, quando eternizo meu ser-objeto (aqui, o outrem pode ser somente sujeito) minha vergonha torna-se, também, eterna, é a origem do temor diante de Deus. Quando reconheço o outrem como sujeito, sinto vergonha; quando me tomo por um projeto livre que faz o outrem existir, sinto orgulho ou afirmação de minha liberdade. A vergonha, o temor e o orgulho são reações originais.

O outrem-sujeito não pode, aqui, ser conhecido ou concebido como tal, os objetos do mundo não remetem à sua subjetividade, eles remetem à sua objetividade no mundo como sentido de escoamento intramundano. O medo vem, em seguida, dar-nos um novo tipo de hemorragia intramundana: sua passagem a uma existência mágica; ele é a fuga, o desaparecimento.

O outrem-objeto se revela a mim pelo que ele é, eu não atribuo o conhecimento que tenho à sua subjetividade, ele remete somente a ele próprio. O outro me faz eu, fazendo-se outro, e mesmo que eu me livre dele, esta possibilidade estará sempre presente. Desta maneira, ela é inconcebível, pois só posso conceber “minha” possibilidade, e somente posso apreender a transcendência, transcendendo-a; devo tomá-la como transcendência transcendida; no mais, as possibilidades do “outro-objeto” são “possibilidades-mortas”.

O outrem-sujeito, como o outrem-objeto, é suficiente a si mesmo e remete somente a ele próprio, assim, não posso formar uma vista do conjunto dos dois modos.

Finalmente, podemos dizer que o “para-si” é um ser que existe enquanto não é o que é, e é o que ele não é. Sei que o outrem pode existir para mim em duas maneiras: enquanto “outrem-sujeito” – quando o provo com evidência e, aí, falta-me conhecê-lo, e enquanto “outrem-objeto” – quando o conheço e ajo sobre ele. Não há síntese possível entre essas duas formas.

O olhar é, primeiramente, um intermediário que me remete a mim mesmo. Basta que o outrem me olhe para que eu seja o que sou; ele me constitui através do olhar. Um olhar que me objetiviza e faz com que eu deixe de ser possuído pelo mundo; o fundamento da relação com o outrem é o conflito. Olhando-me o outro me julga, faz de mim objeto de seu pensamento. Eu dependo dele. Passo a estar em perigo e esse perigo é a estrutura permanente de meu ser para o outrem. De certa forma, eu poderia gozar dessa escravidão sob o olhar do outrem, pois se perco minha liberdade, perco, conseqüentemente, minhas responsabilidades, porém, isso não passa de uma ilusão, porque minha redução ao estado de objeto não me permite escapar à minha posição de sujeito e, ainda, solicita esta posição, pois da mesma forma que sou olhado, também olho. O outro me obriga a me ver através de seu pensamento como eu, reciprocamente, o obrigo a se ver através do meu. Eu dependo do outro que depende de mim.

---

[1] Tradução nossa.

[2] Não devemos entender, aqui, que o objeto é o *outrem* e que o *ego* presente em minha consciência é uma estrutura secundária ou um significado do “objeto-outrem”. Não viso o *outrem* como objeto, nem meu *ego* como objeto para “mim-mesmo”. Devo levar em conta, somente, que eu tomo esse *ego* como não sendo para mim, mas que existe, por princípio, para o *outrem*.

[3] Tradução nossa.

[4] Tradução nossa.

[5] Segundo Sartre, na questão metafísica, constatamos três ek-stases. O primeiro é a negação que o por-si tem por ser ele próprio, há um desprendimento de tudo o que ele é, e este desprendimento constitui seu ser. O segundo é o desprendimento deste desprendimento, é preciso transcender a transcendência para tomar a minha própria; há uma cissiparidade reflexiva que visa um ponto de vista na negação “que é”, e a reflexão quer recuperar este desprendimento. Sou condenado a ser minha própria anulação, então, não posso tomar minha transcendência transcendida. O terceiro ek-stase é mais radical, é o ser para o outrem, seu pólo ideal deveria ser a negação externa, a cissiparidade em-si ou exterioridade espacial de indiferença. Existe uma cissiparidade mais forçada. Porém, nenhum dos três ek-stases saberia atingir

essa negação de exterioridade, é somente um ideal. Assim, a negação que constitui o ser-para-outrem é interno, ela é uma anulação reflexiva e atingida pela cissiparidade.

[6] Tradução nossa.

[7] Tradução nossa.

Fonte:  
SARTRE, J.-P. **L'être et le néant**. Paris: Gallimard, 2003

**Celuy Roberta Hundzinski Damásio**

Doutoranda em Literatura na Sorbonne e em Filosofia na  
Université de Marne-la-Vallée

[celuy.roberta@gmail.com](mailto:celuy.roberta@gmail.com)

Revista Espaço Acadêmico <http://www.espacoacademico.com.br>